



colibri  
O ATOR CEGO

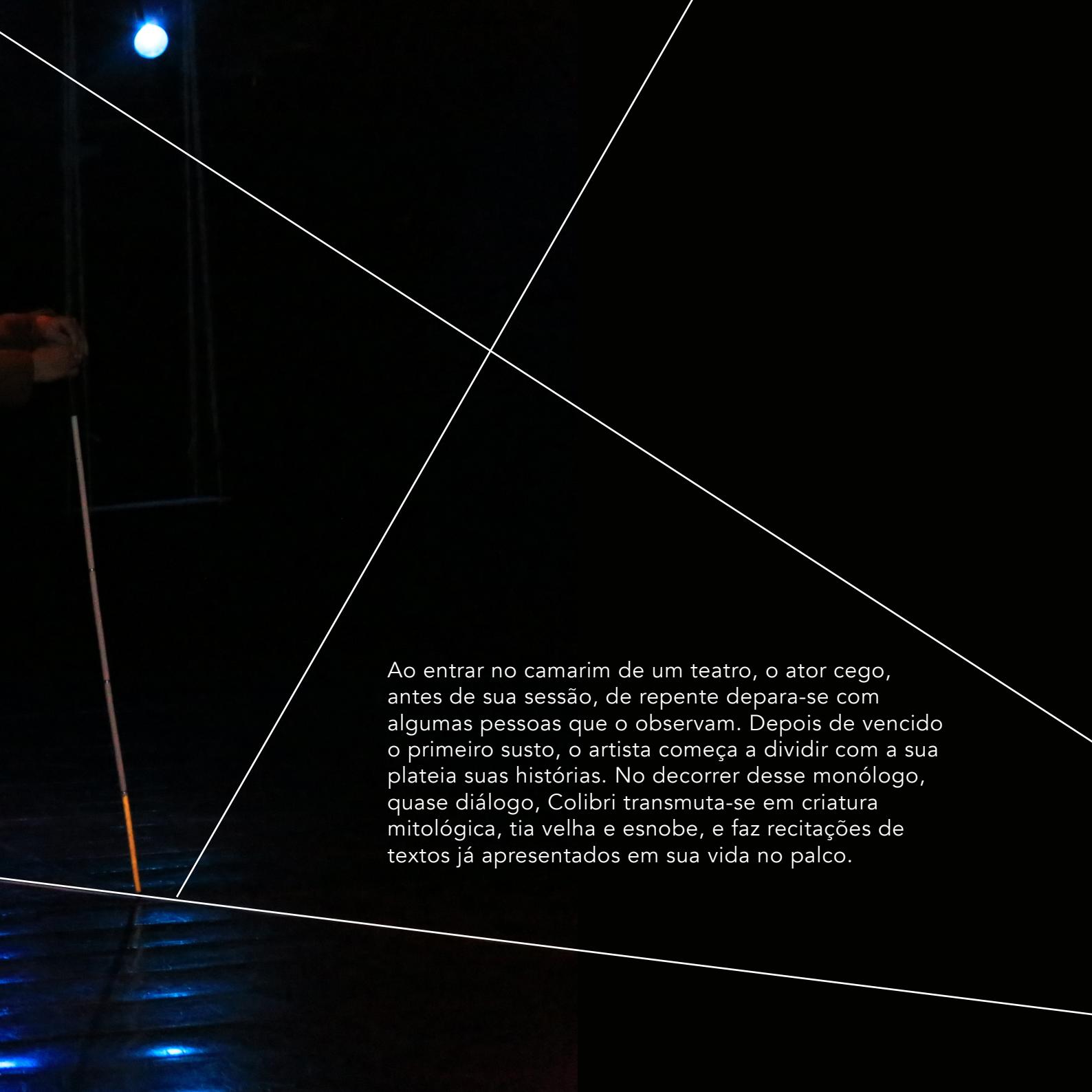






OS OLHOS DOS CEGOS SÃO AS MÃOS.  
OS SURDOS FALAM COM AS MÃOS.





Ao entrar no camarim de um teatro, o ator cego, antes de sua sessão, de repente depara-se com algumas pessoas que o observam. Depois de vencido o primeiro susto, o artista começa a dividir com a sua plateia suas histórias. No decorrer desse monólogo, quase diálogo, Colibri transmuta-se em criatura mitológica, tia velha e esnobe, e faz recitações de textos já apresentados em sua vida no palco.

# ENCENAÇÃO

O monólogo, interpretado sobre bases "stanislavskianas", propõe misturar realidade e ficção. Tal mistura, porém, acontece com tamanha naturalidade que não se consegue diferenciar a vida do ator em cena e da história que ele conta para a platéia. Este efeito, em lugar de confundir, promove a aproximação de quem acompanha o texto com relação a quem o revela.

Paralelamente, lançando mão de um senso estético simples e poético, a direção explora ao máximo as capacidades do ator em questão. Fazendo-o, durante a peça, transformar-se em duas figuras distintas, reforçando assim a meta-realidade estabelecida desde o início. Com isso, demonstra que o poder de comoção de um artista deficiente não está em suas inabilidades. Pelo contrário, está naquilo que ele é capaz de realizar em seu trabalho.





A cenografia e figurino, objetivamente, servem a seus propósitos teatrais lógicos, além de terem sido pensados para favorecer a movimentação de seu personagem, sem que isso signifique a inibição de ações.

O texto, propriamente dito, carrega consigo momentos de lirismo e de humor ácido e até febril. Com o intuito de fazer refletir sobre as condições dos deficientes em nossa sociedade, "Colibri" quer atingir sua meta com inteligência e sagacidade. Conjuntamente, ele também contextualiza qualquer postura que ratifique o assistencialismo.

Questão abordada de modo não direto, mas criticada por dois lados distintos: o de quem é assistido, e o de quem assiste.



# QUEM É EDGAR JACQUES?

Edgar Jacques (34 anos) é um dos poucos atores com formação acadêmica no Brasil com deficiência visual. Já participou da montagem de nove espetáculos teatrais, curtas-metragem, três espetáculos de ballet clássico e diversas apresentações como cantor. Em algumas de suas peças, todavia, representou personagens não cegos, evidenciando assim sua capacidade de adaptação e de interpretação. Em 2014, inscreveu e interpretou a cena, de sua autoria, "5-1=4" num festival em Santos, ganhando cinco indicações e sendo premiado numa delas pelo trabalho. Foi nesta cena, aliás, que surgiu o personagem título "*Colibri*". Edgar também escreveu um romance, "*Encontramos o Gato Verde*" (disponível Amazon.com), e uma peça sobre a sexualidade de um rapaz cego, "*Um Homem Comum*". Participa do elenco do projeto Teatro Cego que consite em peça encenadas no escuro total. Desde os dezessete anos ele abre caminho para conseguir viver de sua arte, sempre na busca por provar que o deficiente também pode promover a própria inclusão social. E, como argumento para isso, deve utilizar-se de seu talento, não somente da exposição pura e simples da deficiência.

Paralelamente realiza um trabalho de consultor em Audiodescrição para eventos culturais, tais como: cinema, teatro, opera, exposições de arte e musicais.



E depois dessas, e também antes, vieram tantas e poéticas definições e funções. Mas, ainda assim, que fascínio é esse que me provocam? Mão... Mão que em língua falada e escrita se parecem tanto com a negativa, e de fato isso podem querer dizer um sonoro não! Mas quero delas o sim, o sinal de positivo, o sinal de "venha mais pra perto". Que avaliação faço eu das mãos? A avaliação, se quiser uma conclusão, não tem valor. O valor está em estabelecer contato, em ser guiado, em estar seguro. Mão, que não o são inteiras sem seus dedos, mas que não deixam de ser o que são se os perderem por acaso. As minhas mãos, essas que nasceram comigo, e as minhas que pertencem a outros: Que importância têm elas! A importância da sua - que é minha - mão. A importância do calor, do frio, de tudo o que me transmite ao longo do caminho. Guardo na memória a sensação de tê-la fechado em redor do braço e pouco me recordo de seu poder de destruição. Avalio, às vezes, a pele; às vezes, a força; e sempre o impacto sobre mim. Há um par de mãos que me entorpece e me bloqueia os sentidos, não pela falta deles, mas sim pelo excesso. Mão que significam, que querem dizer... e que dizem, também sem querer.

Trecho do espetáculo COLIBRI O ATOR CEGO



**COLIBRI O ATOR CEGO** já se apresentou no Festival de Curitiba, Rio de Janeiro, Santos e Campinas, Semana de Arte Inclusiva nos SESC: São Carlos e Vila Mariana, fez temporada em São Paulo, no Teatro Décio de Almeida Prado (2017). Ganhou o Prêmio Arte Inclusão, em 2018.

O projeto COLIBRI O ATOR CEGO  
contempla três atividades:

1 - TEATRO

COLIBRI O ATOR CEGO  
COM AUDIODESCRIÇÃO E  
TRADUÇÃO EM LIBRAS

2 - PALESTRA/DEBATE

3 - OFICINA SENSORIAL -  
PRAZER EM NÃO VER



# OBJETIVO

Oferecer informação e cultura, educação e entretenimento de qualidade é o objetivo deste projeto.

Nossa missão é colaborar efetivamente para a construção de um pensamento reflexivo de um mundo melhor e mais justos para todos. Acreditamos que a educação e as artes possuem um papel determinante na conscientização das necessidades e acesso aos Deficientes Físicos as Artes. Promover a transformação individual utilizando o teatro como ferramenta de aproximação para pessoas com pouco ou nenhum acesso a cultura.

O projeto COLIBRI O ATOR CEGO tem por objetivo específico ser referência aos artistas deficientes, possibilitando sua continuidade em sua formação e a vivência artística. Pretende chegar ao seu intento, lançando mão de poesia, cultura e bem-estar. O projeto "Colibri" baseia-se no aprendizado de dois artistas, para demonstrar - com praticidade - que é perfeitamente viável a transformação de paradigmas por meio do trabalho, deixando de fora assim qualquer traço assistencialista.

# OFICINA

## O PRAZER EM SENTIR

A oficina trata-se de uma simples experimentação. Todos os participantes são vendados, mas diferentemente de outras vivências que - de modo geral - provocam o incômodo de não se enxergar por alguns instantes, propomos que permaneçam sentados e que desfrutem da atenção que se pode dar aos outros sentidos quando nos falta o mais exigidos destes, a visão.

Em primeiro lugar, são servidas duas variedades de comida para cada participante. Uma doce, a outra salgada. Pede-se que cada uma seja avaliada, e que a partir disso compartilhem com os demais as sensações que aquilo lhes provoca.

Em seguida, todos são submetidos a trechos distintos de canções conhecidas. Pedimos que as identifiquem, e que depois nos digam qual foi a impressão que ela, apresentada no escuro, lhe proporcionou.

Em terceiro lugar, submetemos cada participante a dois aromas agradáveis e distintos. Querendo com isso lhes trazer lembranças de infância, e qualquer outra reminiscência ou sentimento que lhes couber.

Por último, estimularemos o tato dos cegos provisórios. Pediremos que eles toquem uns às mãos dos outros, e assim lhes requisitaremos a comunhão com o grupo, contando se a impressão passada pela pele é a mesma que tinham da pessoa enquanto a enxergavam.



## PALESTRA/DEBATE

Autor e diretor se propõe a responder perguntas sobre temas correlacionados à criação do espetáculo, naquilo que é concernente ao seu conteúdo social. O monólogo, cujo período de maturação compreendeu dois anos de pesquisa, defende o protagonismo da pessoa com deficiência diante daquilo que ela pretende realizar em sua vida. Como colocar tal teoria em prática, em se tratando do universo teatral, visto que não há adaptações ou inclusão social de fato dentro desse já dito microcosmo. Além disso, os artistas envolvidos neste espetáculo discorrem sobre a tomada da pessoa com deficiência frente a outros profissionais, tal como ele é. Em outras palavras, pela experiência adquirida compartilha o conhecimento de como fazer a transposição do amadorismo para a profissionalização. Contam como transformar a visão condescendente de outros diretores e atores diante de um cego, levando-os a encarar o intérprete não vidente como alguém plenamente capaz de executar o seu trabalho.

# FICHA TÉCNICA

AUTOR E INTÉPRETE

**Edgar Jacques**

DIREÇÃO

**Kleber Góes**

CENOGRAFIA E FIGURINO

**Jeff Celophane**

AUDIODOC | VOZES

**Adriana Fonseca Morello, Eber Anacleto,  
Lara Souto Santana, Nelson, Rodoveri Júnior,  
Verônica Batista e Victoria Schechter**

ROTEIRO AUDIODESCRIÇÃO

**Lívia Motta | Ver Com Palavras**

TRADUÇÃO EM LIBRAS

**Glauber Rocha**

DESIGNER GRÁFICO

**Comunica.Ações**

FOTÓGRAFOS

**Luciana Silveira, Antonio Carlos Lima, Natália  
Tenório, Humberto Araújo e Ricardo Tanoeiro**

PRODUÇÃO

**Edgar Jacques**

REALIZAÇÃO

**Comunica.Ações**



ACESSE O VÍDEO DEPOIMENTO:

**<https://youtu.be/x3TSJOskRPw>**

# Edgar Jacques

AUTOR E ATOR

Formado ator pelo Teatro Escola Macunaíma, 2013. Integrante da **Companhia de Ballet** para Cegos Fernanda Bianchini (SP), na qual participa de cursos livres de ballet clássico e sapateado. Frequentou a oficina de dramaturgia promovida pela **Companhia de Teatro Popular Confraria da Paixão**, em 2011. Ajudou a fundar a empresa de produção teatral Habitart (SP), em 2013, tendo, por intermédio dela, dirigido a peça de sua própria autoria **Um Homem Comum**. Escreveu o romance **Encontramos o Gato Verde**, finalista do concurso literário do SESC edição 2012-2013. Cantor popular há dez anos tendo tomado aulas na **Escola de Música Underground** (Mogi das Cruzes/ SP). E continuou seus estudos vocais com a professora Tuca Fernandes. Estudou piano clássico. Frequentou, em 2014, o curso de especialização de atuação em vídeo da **Escola de Atores Wolf Maya**.

## PEÇAS DAS QUAIS PARTICIPOU COMO ATOR

**O Burguês Fidalgo** - Molliérè (personagem: professor de música) – Direção: Lúcia de Léllis.  
**O Despertar da Primavera** - Frank Wedekind (personagens: Hanschen/O Homem) – Direção: Mônica Granndo  
**A História do Amor de Romeu e Julieta** - Ariano Suassuna (personagens: Romeu/ Coro) – Direção: Mônica Granndo

**O Sonho** - August Strindberg (personagem: O Poeta) – Direção: Thiago Silveira

**Turbilhão de Pressão** - Texto obtido a partir de processo colaborativo (sem personagem determinado) – Direção: Renata Kamla

**As Bacantes** - Eurípedes (personagem: Tirésias) – Direção: Lúcia de Léllis.

**Acorda Amor** – Teatro Cego – Paulo Palado (personagem: Cesar) – Direção: Paulo Palado

## CINEMA

**Sintonia** – Ricardo Rapozzo (personagem: Carlos) – Direção: Marcelo Willemann (curta-metragem em pós produção)

## ESPETÁCULOS DE DANÇA

**Don Quixote** (Sancho)

**O Corsário Negro** (Sultão)

Várias apresentações documentadas como cantor popular.

# jeferson Duarte

CENÓGRAFO E FIGURINISTA

52 anos – carioca, radicado em SP, cenógrafo e diretor de arte há 25 anos.

Fez cenários e figurinos para grupos de teatro no subúrbio do Rio de Janeiro (sua grande escola), fez alegorias e figurinos para Escolas de Samba e trabalhou em ONGs no RJ utilizando a cenografia como agente de transformação social – Projetos **Se essa rua fosse minha** e **Meninas da Calçada**.

Dentre as diversas exposições, destacam-se



**Na Terra de Macunaíma, 100 anos de Cordel – A história que o povo conta, O Chão de Graciliano** – todas no SESC SP – Centro Cultural Banco do Nordeste - CE e itinerância por vários estados, todos com Curadoria de Audálio Dantas. **Craques do Cartum na Copa** curadoria do cartunista JAL – Jose Alberto Lovreto CCBB – SP e RJ. **Sertão Brasil uma Viagem pelas Veredas do Rosa** - Curadoria João Correia Filho – SESC Interlagos. **Choro do Quintal ao Municipal, Estação Cartola BNDES – RJ. A Arte nos tempos do Café – Cusquenhos – Nas coleções de Arte dos Palácios** – Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo. **Todos Podem Ser Frida** – fotografias de Camila Fontenele – Museu da Diversidade Sexual – SP.

Exposição permanente: **Memorial da Inclusão** – Secretaria da Pessoa com deficiência do Estado de SP – Curadoria Elza Ambrózio.

## Kleber Góes

DIRETOR

Iniciou em 1995, na cidade de Santos/SP, onde realizou trabalhos com alguns grupos teatrais como a Cia. Teatral Cenicomania - **O Golpe e Histórias da Arca**. Em 2001, a convite do Ogawa Butoh Center trabalhou com a técnica de dança minimalista butoh, apresentando em diversos locais do Brasil. Residente em São Paulo desde 2002 trabalhou com o Grupo XPTO, TUSP - Teatro da Universidade de São Paulo como ator e produtor por cinco anos, realizou trabalhos como: **SEGREDO**

e **Auto de Natal**. Em 2007, criou a Comunica. Ações empresa que trabalha com produções artísticas, criações de projetos, exposições e eventos corporativos.

Tem no seu repertório projetos como:

**ApontoTchekhov**, em homenagem ao escritor russo Anton Tchekhov, com a direção do Fernando Neves, **Vingança do espelho - A História de Zezé Macedo**, de Flavio Marinho com direção de Amir Haddad (no elenco Tadeu Mello, Mouhamed Harfouch, Marta Paret, Antonio Fragoso e a Betty Gofman). **1915**, do armênio Arthur Haroyan, Grupo Arca, patrocinado pelo Consulado Armênio, com direção do Rogério Rizzardi. Coordenou ao lado da atriz Françoise Forton o projeto social **Semeando Cultura**, na cidade de Cruzeiro/SP. Em parceria com a Secretaria de Cultura do Estado realizou o **Prêmio Governador do Estado de São Paulo para a Cultura**, nas últimas edições.

Dedica ao treinamento da técnica de **Mímica Corporal Dramática** criada por Etienne Decroux (FRA) com Nadja Turenko e André Guerreiro Lopes

Dirigiu a cena que deu origem ao espetáculo, iniciando o processo no FESCETE 2014. Neste últimos dois anos viaja com o espetáculo autobiográfico do ator Edgar Jacques, **Colibri O Ator Cego** e a peça **Fora Desse Mundo, do Grupo Arca**.



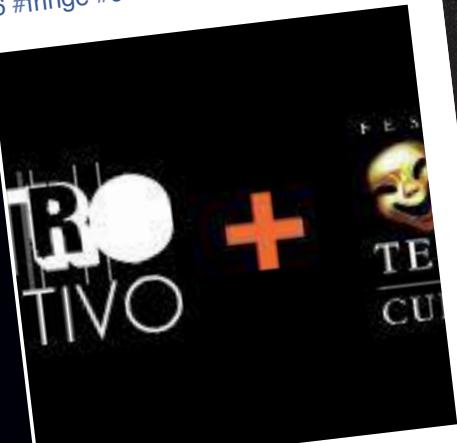
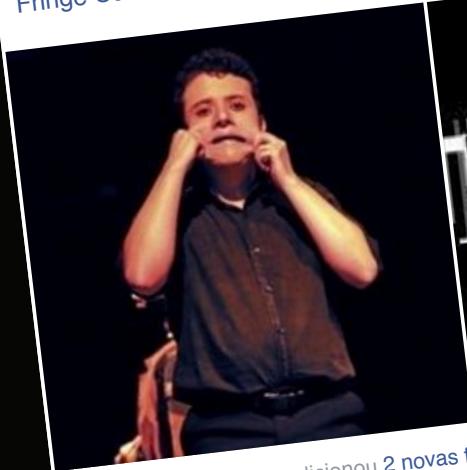
Colibri O Ator Cego compartilhou a publicação de  
ANTRO POSITIVO.

Publicado por Jeff Celophane [?] · 28 de março às 13:41 ·

Crítica da Revista ANTRO POSITIVO  
ao Espetáculo Colibri - O Ator Cego.

Foto Ricardo Tanoeiro

Fringe Curitiba #festivaldecuritiba2016 #fringe #curitiba ANTRO POSITIVO



ANTRO POSITIVO adicionou 2 novas fotos.  
28 de março às 00:21 ·

#críticaimediata

Festival de Curitiba de 2016  
Colibri - o ator cego, da Cia Que Mudou de Nome  
Por Ana Carolina Marinho

Nunca havia me atentado para a cor como uma qualidade visual dispensável. Logo ela que é pulsão de tantas questões, de tanto sofrimento e de tanta injúria. Se existe "amorfo" que palavra se refere a um corpo sem cor? De que importa a cor se ela não ultrapassa uma escala de cinza? Como se traduz a beleza senão visualmente? Que densidade tem aquela voz! Que força tem um corpo no palco detentor das histórias contadas. Quantos outros atores cegos eu já vi em cena? Colibri atenta que o teatro não é apenas uma experiência visual e encaminha possibilidades profundas de mergulhar por outros caminhos. Sem dúvida, não digo de fechar os olhos, como se propõe em um breve momento, mas provavelmente de mantendo-os abertos enxergar pouco para ouvir e tatear mais. Como enxergar pouco ou quase nada pode também ser uma escolha estética? Há muita força ali. É preciso desvencilhar-se do teatro que às vezes serve apenas para legitimar aquilo que se faz em cima do palco e compreender que algumas experiências transbordam essas fronteiras e borram os conceitos. É menos Stanislavski e mais Edgar Jacques. Com todo respeito à história do teatro, mas é preciso muitas vezes seguir acreditando que sendo apenas o que se é - e não o que ou como deveria ser - é gigante e arrebatador. Some isso à sinceridade, qualidade que habita esse trabalho, e o palco se torna potência para ser o que quiser. Colibri é capaz de voar para longe, basta abrir a gaiola.

Foto Ricardo Tanoeiro





Jeff Celophane

28 de março às 13:49 ·

Crítica de Ricardo Dalai Lima

Doutorando em Teatro Autobiográfico pela UEL ao espetáculo Colibri - O Ator Cego que estreou ontem no FRINGE Curitiba.

O teatro, para mim, precisa tocar. De alguma forma, física ou emocionalmente. Deve fazer o espectador se mexer na cadeira desconfortável, fazer chorar de forma tímida, discreta, fazer, enfim, o espectador pensar (na sua vida, no mundo, no futuro, no agora). Talvez por isso tenho dedicado meu tempo a pensar a autoficção cênica enquanto gênero, pois quando assistimos a vida de outro, sua dor, seu amor, seu trauma, percebemos que nossa miséria não está sozinha no mundo ou, ainda, que nossa dor talvez nem seja tão grande.

A peça Colibri, o ator cego me pareceu, em um primeiro momento, algo que corria o risco de cair na confissão inocente. Confissão inocente não é teatro. É diário. Mas já no primeiro momento, quando testemunhos (talvez demasiados) de pessoas com deficiência visual são utilizados, se percebe ser uma peça no mínimo diferente. Percebemos o ator no fundo da sala. Percebemos o cenário e a iluminação delicadamente projetados. E um balanço com um chapéu-Chaplin. Assim, temos três coisas que são caras no teatro pra mim: a autoficção, o metateatro e o intertexto. Esses três pilares já situam a peça, que nessa altura já se tem certeza não se tratar de uma confissão inocente, no rol de peças que modificam o modo dramático na atualidade. Refiro-me a peças que, mesclando realidade e ficção, constroem um discurso híbrido no palco se utilizando da vida de um para atingir a vida do mundo.

O trabalho corporal é dançante. O ator caminha com certa insegurança (e temos aqui mil motivos para justificá-la), mas que no discurso teatral soa como signo. O palco é o mundo, no qual humano algum tem segurança de caminhar nos dias atuais. Percebemos o ator tremendo (e temos ainda os mil motivos para justificar isso também), mas isso só prova que o ator/personagem não é mais aquela figura sagrada e intocável, assim como o autor, nas Artes atuais. O ator/personagem é gente como a gente, capaz de sofrer e morrer, com deficiências, físicas ou não, como qualquer outra pessoa. Isso nos aproxima da catarse que o teatro tanto busca. Catarse essa que é reforçada pelo EU que grita em cena. Trata-se, como escreve Janaina Leite (2014, p. 86), de uma “tentativa de figurar a experiência vivida, sentida, sofrida”, mantendo assim “a tensão com o referencial real que a motivou”. O espaço de tensão, próprio do teatro, é reforçado pelo EU que o personagem diz, EU que é imediatamente reconhecido pelo espectador. “EU sou um ator”, diz.





Empresa que trabalha com produções artísticas, concepção e realização de projetos nas áreas de teatro, dança, exposições, comunicação visual e eventos corporativos, para clientes como:

**ALELO, CAOA/Hyundai, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, EMAE, Hospitalité, Hotéis Othon, Instituto Votorantim, Instituto Unibanco, Nokia, OLX, Red Bull, Samsung, SA Paulista, Sony, Serviço Social do Comércio – SESC, Universidade de São Paulo - USP, Universidade Federal do Paraná, UOL / Folha de São Paulo entre outros.**

Desenvolveu o conceito gráfico dos espetáculos internacionais:  
**A COSTUREIRA**, Gardi Hutter (Suécia)  
**EDIPO** | Cia Chapitô, (Portugal)  
**IKIRU**, Tadashi Endo (Japão/Alemanha)

Desenvolveu o novo conceito e realiza, desde 2013, a coordenação do **Prêmio**

## **Governador do Estado de São Paulo para a cultura.**

Realizou a pesquisa iconográfica para a exposição **50-64-14 - Futebol, Resistência e Ufanismo**, curadoria de Celso Unzelte, produzida pelo SESC durante a Copa de 2014.

Para os projetos, ocupação artística temporária "**É logo Ali**" (num antigo casarão da Rua Bom Pastor) e **#FORADAMODA** (com ícones da moda nacional) realizados pelo SESC Ipiranga.

Realiza, desde 2013, a coordenação artística e pedagógica de módulos de programação do **CineClubinho**, do **CineSESC**. Voltado para a formação de público infantil, o projeto visa a compreensão multidisciplinar de temas relacionados aos filmes e animações exibidos por meio de atividades voltadas para o desenvolvimento interpessoal das crianças.



*Quando não há, entre os homens,  
liberdade de pensamento,  
não há liberdade.*

**Voltaire**

